

A Entrevista

Sem santo nem senha

POR JOAQUIM LEITÃO



PEDRO VALLADAS FERREIRA DE MESQUITA — ex-estudante militar de Cavallaria 4, e ajudante do tenente d'artilharia Conde de Mangualde, com quem foi preso no Porto, no dia 23 de Outubro de 1913 — Esta gravura representa Ferreira de Mesquita como esteve no combate de Chaves, de 8 de Julho de 1912, em que deu provas da mais serena coragem.

N.º 6 — Numero avulso 60 reis — 10 - XII - 1913

NÃO SE ACCEITAM ASSIGNATURAS

Editor e proprietario: **MARIO ANTUNES LEITÃO**

Composto e impresso na Tynographia de A. L. da Silva Teixeira, Successor — Rua da Can-

A ENTREVISTA

— POR —

JOAQUIM LEITÃO

Publicação semanal de 16 paginas de texto e capa illustrada com o retrato do entrevistado. Publicará entrevistas com os homens eminentes de toda a Europa e Americas, á medida que os acontecimentos as provocarem. Occupar-se-ha da politica portugueza sem distincções de côres politicas.

Portugal: Numero avulso	60 reis
Pelo correio	65 reis
França e paizes da União Postal.	50 centimos
Brazil (moeda portugueza)	100 reis

Não se acceitam assignaturas

As pessoas que quizerem receber A Entrevista pelo correio deverão remetter adeantadamente a importancia d'uma serie de numeros. acccitando-se a partir de uma serie de quatro numeros. remettida á typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successor, Rua da Cancellia Velha, 70 — PORTO.

As pessoas residentes no estrangeiro dirigir-se-hão ao auctor: Joaquim Leitão, 4, Rue Faustin-Hélie—Passy—PARIS.

TODOS OS PEDIDOS D'A ENTREVISTA DEVEM SER DIRIGIDOS:

PORTO — Mario Antunes Leitão, R. Cancellia Velha, 70-1.º

LISBOA — Agencia d'« A Entrevista », Largo de S. Paulo, 7-1.º

EXTRANGEIRO — Joaquim Leitão, 4, Rue Faustin-Hélie—Passy—PARIS.

ACABA DE APPARECER:

Alvaro Pinheiro Chagas

O MOVIMENTO MONARCHICO

I
O 28 de Janeiro e o 5 de Outubro

UM VOLUME DE 161 PAGINAS, IMPRESSO EM EXCELLENTE PAPEL

PREÇO 400 REIS



Pedro de Almeida

A ENTREVISTA

Sem Santo nem Senha

POR

JOAQUIM LEITÃO

N.º 6

10 - 12 - 1913

FERREIRA DE MESQUITA

NA

Galliza e no Exilio

**A sua caderneta militar — Um cadête com batalhas na sua
folha de serviços — Como um rapaz troca Paris pela cadeia.**

Eis um rapaz que aos vinte e cinco annos tem já uma biographia.

E' a época, intranquilla, arriscada e sacrificante para todos os portadores de character e de coração, época de transição, movediça e revolta, mas promettedora de alleluias da raça e d'um renascimento do povo.

Depois d'aquella geração de José Estevam, a biographia dos portuguezes limitava-se a uma certidão de idade e á papelêta attestadora do obito. Portugal era o paiz onde não acontecia coisa nenhuma, estivessem no poder os progressistas ou reinassem os regeneradores. Os partidos eram méras associações de soccorros mutuos. Ia-se para a politica como outr'ora se embarcava para o Brazil: com uma carta de recommendação no bôlso. E ia-se para os progressistas ou para os regeneradores, ainda como se tomava o rumo da Bahia ou do Rio de Janeiro, conforme onde se contava

uma amisade já sufficientemente installada para patrocinar.

Não havia programmas; havia carreiras.

A biographia do cidadão era a folha da repartição; a aspiração, a reforma.

A opposição monarchica creou uma geração de homens n'um paiz onde só vinham ao mundo ninhadas de amanuenses.

Desde que, em Valle de Zebro, Frederico Pinheiro Chagas deu o exemplo do sacrificio á Honra, em Portugal appareceu uma pleiade de caracteres que, sem a menor responsabilidade na monarchia passada, nem o menor interesse pessoal n'uma futura monarchia, se apresentaram ao Sacrificio dispostos a viver mal e morrer bem.

Com esses veio, para a historia d'esta época, Pedro Valladas Ferreira de Mesquita.

Quem é? O que era elle em Portugal? Algum conselheiro, chefe de partido, protegido do Paço?

Nada d'isso.

Uma alma de rapaz, em que não cahira ainda o pó narcotizante do emprego publico.

Um modesto estudante-militar de cavallaria 4, matriculado no Curso de Minas, do Instituto Industrial de Lisboa. Pertencia ao esquadrão do Tenente Victor Ribeiro de Menezes. Nunca, porém, tivera ligações de conspirador com o seu commandante de esquadrão. Na Galliza, cadête e official encontraram-se na mesma fé; em Chaves expuzeram o peito ás mesmas balas. O cadête Ferreira de Mesquita portou-se, ao lado do conde de Mangualde, como um soldado da *vieille garde*; o official Victor de Menezes só deixou a linha de fogo, quando os que, sob o seu commando combatiam, lhe viram o dolmam tingir-se de vermelho, e o obrigaram a ir á ambulancia, obturar o buraco aberto pela bala.

Ninguém trouxe Ferreira de Mesquita. Ou melhor: trouxe-o o espirito de sacrificio d'esta época.

Chegado á Galliza, entre os primeiros, passou despercebido na lista dos alistados.

Quando o encontrei em Paris e que attentei n'elle, já Ferreira de Mesquita tinha a honrosa folha de serviços que as auctoridades do Porto lhe encontraram na carteira e que reza assim:

«a) Santo Adrião, 30 de setembro de 1912.

Arthur de Carvalho Figueira — Cópia da informação dada pelo commandante do grupo.

Declaro que o sr. Pedro Valladas Ferreira de Mesquita tomou parte, como meu ajudante, nas incursões de outubro de 1911 e julho de 1912, tendo em ambas sabido comportar-se com inexcusable zêlo e valor, devendo especialisar o combate de Chaves,

onde, por varias vezes, tive occasião de verificar a sua serena e decidida coragem. Durante o convívio que antes e no intervallo das duas incursões tivemos, pude apreciar o seu procedimento constantemente leal, recto, delicado e digno, revelando sempre o mais exemplar zêlo e disciplina em todos os assumptos de serviço e a maior dedicação pela causa monarchica.

Vigo, 6 de outubro de 1912. — a) *Conde de Mangualde (Fernando)*.

Recebida e copiada em 29 de outubro de 1912.—*Arthur de Carvalho Figueira.* »

« Pedro Ferreira de Mesquita, filho de D. Julia Albertina Valladas Ferreira de Mesquita, natural da freguezia de S. Julião, concelho e districto de Mossamedes, Angola, idade 25 annos, solteiro, professor-estudante. Situação militar anterior. Alistamento, soldado de cavallaria 4. Graduação, soldado, grupo 1.º.

Notas biographicas. Alistou-se em Tuy em 26 de maio de 1911, marcha para a concentração em 26 de setembro.

Primeira incursão em Portugal, 4 a 8 de outubro. Combates de Vinhaes e Casares, 5 e 7 de outubro.

Em seguida á dispersão em S. Martinho (20 de outubro) acantonou com o seu grupo em Parada de Ventosa. Mandado apresentar em Ginzo de Limia, em 20 de maio de 1912, como ajudante do commandante do grupo.

Segunda incursão em Portugal (6 a 12 de julho). Combates de Chaves e Soutelinho da Raia (8 e 9 de julho). Acompanhou a columna até á sua dispersão de Bouzês (16 de julho).

Fôrmo do ajudante Ferreira de Mesquita muito bom conceito pelas informações que a seu respeito me fôrão presentes durante o tempo que serviu e actos comprovativos em

conformidade com o juízo acima inscripto do seu chefe directo.

Outubro, digo, novembro, 4—1912.
— *H. de Paiva Couceiro* ».

Vivendo elle quasi, senão sempre, a vida da columna, eu não tinha de Ferreira de Mesquita, pessoalmente, senão uma vaga idéa.

Um dia de dezembro de 1912, entrando no escriptorio da *Chronica do Exilio*, á Rue Laffite, dei com um rapaz alto, d'uma altura d'artilheiro, magro, trigueiro, um buço a ennegrecer-lhe timidamente o labio. Falava pausadamente, e para isso mesmo era preciso interrogar-o. Alheio a toda a conversa, passava conscienciosamente, da impossivel calligraphia de Annibal Soares para os azulados caracteres d'uma machina de escrever, o original d'um numero da *Chronica do Exilio*.

Dobrado para os quartos de papel, só as mãos esguias e sêccas quebravam aquella immobilitade.

Perguntei quem era.

— «E' o Ferreira de Mesquita, ajudante do Mangualde. Um valente! Bateu-se em Chaves!» — informaram-me.

Pedi-lhe o seu depoimento sobre o combate de Chaves. E desde essa noite de 20 de fevereiro findo, em que, durante horas o ouvi, na sua voz pausada, reconstituir, com escrupulo, o que percorrêra o seu sector visual, na ardente manhã de 8 de julho de 1912, o passei a encontrar frequentemente e a estimar para sempre.

Noite em que elle soubesse que eu ia a casa do tenente Saturio Pires tomar notas ou ler aos officiaes um novo capitulo da historia das Incursões, lá apparecia um casacão esverdeado que, apesar de muito comprido, desanimára de lhe alcançar as infinitas pernas, um chapéo molle, um

pescôço a sair, como uma móla de metralhadôra, d'um collarinho inutilmente alto, e uns dentes muito brancos a quebrar o negro do bigodito.

O trabalho interrompia-se para saudar com amizade Ferreira de Mesquita, e, depois de acondicionadas as pernas d'artilheiro do excellente môço, elle nunca mais estorvava: ficava-se a ouvir, soprando o fumo do cigarro, e só emergia da sua serenidade e do seu mutismo, quando se appellava para a probidade da sua memoria.

Apesar da sua religiosa pontualidade lhe fazer pagar caro na manhã seguinte aquella noitada, Ferreira de Mesquita não debandava; acompanhava-me até ao *Pont d'Alma*, e emquanto se fallasse da Galliza não se despedia.

Onde se rememorasse a Galliza é que elle estava bem. — As noites dos seus domingos eram sempre eguaes: casa do tenente Saturio Pires, reviver as Incursões e os acantonamentos, chamar pelos camaradas que já não podem comparecer senão em memoria perante a saudade dos que ficaram.

Transferida de Paris para S. Jean-de-Luz a *Chronica do Exilio*, Ferreira de Mesquita ficou uma ou duas semanas descolocado. Mas encontrou logo uma pequena situação nos escriptorios d'um grande industrial. Isto era junho. Em setembro, em menos de tres mezes, a sua seriedade dispensava toda a recommendação, e abria-lhe uma carreira deante da sua bella mocidade. O chefe da casa convidava-o a assumir o logar de caixa, e augmentava-lhe o ordenado.

Mas assim que o Conde de Mangualde lhe deu ordem de marcha, nem as alliencias de Paris nem o seu futuro, tão bem encaminhado, o retiveram. Pediu uma licença, dobrou o casacão n'uma malêta, e partiu.

No dia 23 de outubro era prêso no Porto, ao lado do Conde de Mangualde como podia ter morrido ao lado do seu commandante, n'um dos combates passados, ou n'uma acção futura.

A imprensa registou a serenidade com que Ferreira de Mesquita respondeu ao interrogatorio policial. Deve ter aprendido essa serenidade com a mãe stoica que tem o marido prêso em Lisboa, desde setembro, e o filho prêso um mez depois, no Porto.

A vida tem-nos desencantado de muita cathegoria, e esta época ensinado a só admirar os que sabem engrandecer-se na desgraça e notabilisar-se pela amargura.

Uma entrevista requer uma notoriedade.

Ferreira de Mesquita é mais do que

isso: é uma enternecedora figura d'esta galeria d'abnegados.

Uma vez na Galliza, não saiu de lá enquanto lhe deram amarguras a partilhar.

No exílio, encontrado o pão e muito provavelmente o futuro, desertou d'essa mediana tranquillidade logo que lhe offereceram mais sacrificios.

Na cadeia a sua serenidade não debandou.

Não admira que achem estranha a sua figura e a sua linguagem.

A historia e a litteratura registam alguma d'essas psychologias que ainda hoje teem quem as tome por allucinations.

Afinal são almas raras e equilibradas, em que ha tanta dóse de honra como de fé.

ENTREVISTA

COM

FERREIRA DE MESQUITA

Como foram presos o Conde de Mangualde e o seu ajudante Ferreira de Mesquita — A versão exacta dos factos narrada por Ferreira de Mesquita — O seu depoimento sobre o combate de Chaves — Uma carta commoventissima de Paiva Couceiro.

O inquerito ao 5 de outubro, publicado á medida que ia sendo apurado, provou-me: primeiro — que, n'uma revolução ou n'um combate ninguém, por mais restrictos que sejam o raio da acção e a unidade de tempo, póde abranger completamente essa revolução ou esse combate; segundo — que por cada pormenor que uma nova testemunha traz a mais, se ouve repetir os já sabidos traços geraes do acontecimento que acabam por ser uma cega-rega. Assim ao transpôrmos das columnas do *Correio da Manhã* para as paginas do volume o *Diario dos Vencidos*, houve que eliminar muito incidente repetido e pedir á technica que dêsse á narrativa uma columna vertebral onde se articulassem os episodios testemunhados nas entrevistas. Mas n'uma acção dispersa, como a do 5 de outubro que se passava a bordo dos navios de guerra, na Rotunda, nas Necessidades, no Arsenal, no Quartel de marinheiros e nos de Artilharia 1 e Infantaria 16, no Rocio e no Carmo, por toda a cidade, ainda se podiam escrever em fôrma de entrevista os diversos actos da peça.

Ao passo que no combate de Chaves, não. Ali ha um campo de combate restricto, e a narrativa tem de ser levantada em conjuncto, de fôrma

a que o leitor *veja* o combate como se lh'o dessem reconstituído n'uma téla. A entrevista está ahi condemnada, preferida pela narrativa. Simplesmente não ha ninguém que n'um combate possa seguir todos os episodios ou sequer todas as phases da acção. O proprio commandante em chefe d'um exercito, o corpo de estado-maior sabe as ordens que d'elles emmanam e as suas resultantes finaes, mas ser-lhes-ha impossivel assistir ao desenvolvimento de cada uma d'essas phases, e muito menos aos lances emotivos e dramaticos a que dêem lugar. A linguagem militar é fria: um homem n'um corpo de exercito é um numero, e quando a bala inimiga o põe fóra do combate, o relatorio e a ordem do exercito consideram-o apenas uma parcella a sommar aos outros feridos ou aos outros mortos, e o balanço do combate diz sêccamente: n.^{os} tal e tal mortos; n.^{os} tal e tal feridos.

Como morreram? Como cahiram feridos?

Isso é já com a Historia, é já litteratura.

E a Historia tem, então, de percorrer unidade por unidade, a pedir noticias d'este morto ou d'aquelle ferido.

Foi assim que procedêmos com o combate de Chaves, de 8 de julho de

1912. Ouvimos um por um quantos, ha anno e meio, hemos encontrado, e que lá se bateram. São para todo o effeito entrevistas, mas não destinadas a ser publicadas como entrevistas, meros depoimentos de cuja colleccção sae o conjuncto, a narrativa, o quadro como as multiplas photographias decomponentes dos movimentos de uma figura dão depois, na recapitulação rapida da fita cinematographica a composição da figura em movimento, tal qual foi colhida na vida.

Em nenhuma d'essas entrevistas eu encontrei o resumo sequer do conjuncto do combate: homens da mesma companhia, do mesmo pelotão não viram cair ferido ou morto um camarada.

Como pôde qualquer d'elles desenharr todo o combate? O mais que se lhes pôde pedir é que obriguem a sua memoria a rever o que pelo seu sector visual perpassou.

Foi o que pedimos e nos forneceu Ferreira de Mesquita. Nunca suppuzemos que, assim isolada, viesse a ser dada á publicidade esta pagina do nosso *dossier* sobre o combate de Chaves.

Para a publicar precisamos de, com estas explicações, advertir o publico de que nem Ferreira de Mesquita nem eu pretendemos relatar, n'esta entrevista, a acção de Chaves de 8 de julho de 1912. Não verão aqui o combate, nem sequer o ataque das forças monarchicas á praça de Chaves. Assistirão apenas a alguns episodios que promettem muita emoção, muita dramatisação, muito movimento e muita surpresa de que o publico só se aperceberá quando, muito breve, lhe dermos a lèr esse volume «*O Ataque a Chaves*» que, com todo o escrupulo, estamos retocando. Esta entrevista é tão sómente a pallida allusão ao que decor-

reu em volta da peça commandada pelo Conde de Mangualde (Fernando), ao que de lá avistou o seu ajudante, e á enternecedora admiração com que Ferreira de Mesquita já, então, fallava do seu commandante.

O dedicado Faustino, impedido de Paiva Couceiro.

Como no momento em que fizemos esta entrevista, perseguissemos a reconstituição dos ultimos momentos da figura do sargento Faustino, dedicado impedido do capitão Paiva Couceiro, ao dirigirmos a Ferreira de Mesquita a sacramental pergunta: «E o Faustino? *Viu o cair ferido?*», — Ferreira de Mesquita começou por ahi o seu depoimento:

— O Faustino era o sargento da peça do Conde de Mangualde. Tivera um trabalhão insano com a montagem das peças, e o carregar das granadas, partindo do Telheiro já com algumas noites em claro. Durante a marcha, o Faustino aguentou um continuo e pesado trabalho, com a conducção das peças.

Antes de chegarmos a Soutelinho a forquilha onde engatava a mula, forquilha que era feita de troncos d'arvore, quebrou-se; concertou-se com pregos, para fazer o resto do caminho até Soutelinho; e durante o bivaque de Soutelinho, o Faustino e os serventes fizeram forquilhas novas. Mas na marcha para Chaves, já á vista de Chaves, na encosta que desce para a praça, á direita de Bustêlo (quem vae de Soutelinho) povoação que rodeámos, as forquilhas quebraram-se outra vez, e d'essa feita já sem concerto. D'ahi em diante, as peças tiveram de ir a braços: dois homens á frente, e dois á retaguarda, para sustar as peças nas descidas. O Faustino sempre a ajudar. Ia esfalfado. Não dormia havia algu-

mas noites, e nem no bivaque de Soutelinho da Raia, d'onde partimos á alvorada, tivéra tempo de descansar. Mal podia comsigo. Alguma vez disse que estava cansado, mas nunca parou, nunca fraquejou. Antes de chegar a Chaves, tivemos uma pequena paragem, lá em cima na estrada. Um «alto» para descanso.

— Prenderam ahi uns homens?

— Dois. Um que passava, olhando de lado, muito desconfiado, como quem méde forças: era um professor primario de uma povoação proxima de Chaves que ia para os exames. Prendeu-se, e arrancaram-se-lhe os botões das calças e ceroulas para não poder fugir. O outro era um homem gordo, forte, em mangas de camisa, bigode, taberneiro d'um d'aquelles logarejos; parece que era republicano e se dirigia a Chaves a levar a denuncia de que avançávamos. Entretanto a nossa patrulha de exploração do flanco esquerdo da extrema avançada, não dando por que a columna fizera alto, adeantára-se no seu serviço, até ao espaldão da *carreira de tiro*, sendo immediatamente alvejada pelo inimigo. A todas as nossas forças são marcadas posições, cabendo á artilharia a orla d'um pinhal. N'essa primeira posição, a peça do commando do capitão Ferreira, e a do Conde de Mangualde estiveram juntas, lado a lado, rompendo d'esse pinhal ambas as peças fogo sobre Chaves.

— Que distancia seria?

— Uns 1:200 a 1:500 metros. Feitos os primeiros tiros, as duas bocas de fogo chegaram mais para a esquerda, a procurar melhor o alvo e para se abrigarem com um muro de pedra. E' n'esse momento que se dá a lucta do tenente Julio Ornellas de Vasconcellos com as forças de Chaves.

O «corps-à-corps» da carreira de tiro.

— Viu o tenente Vasconcellos ser ferido?

— Não. Creio que ninguém viu. Pelo menos os que estávamos cá em cima.

— Nem todos os que estavam ao pé d'elle viram! O sargento José d'Elvas Rebello, um dos poucos que se salvaram tendo tomado parte no corpo-a-corpo da carreira de tiro contou-me o seguinte: «Eu fiquei um pouco á direita d'um môrro que é o espaldão da carreira de tiro; o sr. tenente Vasconcellos e o primeiro sargento passaram para a esquerda, d'onde melhor se descobria a carreira de tiro. Começaram então os nossos soldados, que já tinham recebido fogo, a fazer alguns tiros, e eu perguntava: «*Mas para onde atiraes? Eu cá não vejo nada!*» Como havia de eu vêr se elles n'esta altura, como sempre, nos estavam fazendo fogo, uns de dentro das casas e outros muito bem entrincheirados por detraz dos muros que rodeiam a villa. E não era só esse contra que tínhamos: o peor ainda era o estarmos voltados para o sol que nos dava de cara e nos não deixava descobrir o inimigo, muito bem alojado á sombra, e abrigado muito tranquillo com os peitoris das janellas. Estivemos bem um quarto de hora ou mais n'essa posição, sem os vermos a elles, e elles a malharemos fogo em cima de nós. O sr. tenente Julio Ornellas de Vasconcellos, commandante do meu pelotão, tambem se queixava de não vêr o inimigo. Pois elle expunha-se bem. Era um valente. Homem de muito genio e ao mesmo tempo de muito bom coração; no combate nunca vi que aquelle homem se abrigasse de nada. Não lhe mettião medo as balas. Andou sempre de pé, detraz do

seu pelotão, de uma extremidade á outra, vigiando os seus homens e perguntando: « *Mas vós vêdes o inimigo? Onde está? Não vejo ninguém! Mas d'onde virá tanta bala?!* » Assim andou meia hora. Quando então me disse um soldado, diz: « *O' sr. Rebello! olhe bem, n'aquella quinta á direita vai um cordão de soldados, agachados de galas, vão encobertos com a parede.* » Comecei para lá a olhar e effectivamente vi-os. Eu e mais uns seis soldados que tinha ao pé de mim, dei fogo para lá. O resto do pelotão d'onde estava não via esses; mas enxergou outros que estavam em frente bem seguros com as paredes do cemiterio e da parada do quartel. Então o nosso tenente Vasconcellos chegou ao pé de mim, e diz: « *O' José! se algum soldado te fugir, prégalhe um tiro. Aqui ninguém foge! A victoria é nossa!* » E continuou assim animando o pelotão bastante tempo. Tambem chegou então o pelotão do sr. tenente Menezes, em nosso auxilio, que se postou a 200 metros á minha direita; e nós, e a gente d'este pelotão conseguimos deitar fóra da dita quinta os taes primeiros e que, quer-me a mim parecer, entraram para dentro da villa, e se foram juntar aos vultos que estavam no cemiterio e na parada do quartel, porque dentro de pouco tempo choviam de lá balas como milho. A nossa artilharia deitou fala, e o fogo contrario cessou um pouco, mas não de todo, que nós nem eramos senhores de levantar a cabeça que não viesse logo uma duzia de balas para aquelle que o fizesse.

Recrudescce o fogo — Os primeiros mortos.

— « Eu então levantei-me, — continua o sargento Rebello —, e fui proximo do môrro onde estava o páo

da bandeira; quando passei, perguntei ao sr. tenente Vasconcellos: « *Já morreu alguém?* » « *Não* » me respondeu elle. Mas já estava morto o sargento Moreira, e um cabo, e já havia outros feridos. Mal eu acabava de trocar essas palavras com o sr. tenente, houve uma descarga que os taes valentes mandaram de dentro das casas. Foi então quando mandaram algumas granadas para a Villa. Como o fogo em cima de nós não cessava, o sr. tenente Vasconcellos chegou ao pé de mim, e disse-me: « *O' José! guarda bem d'este lado que eu vou pôr algumas praças, ali um pouco mais para a esquerda, que aqui não ha onde se abriguem todos, e o fogo é muito* ». — « *Pode ir descansado, meu tenente!* » lhe disse eu.

Os ultimos momentos do tenente Vasconcellos.

— « O sr. tenente Vasconcellos foi, — narra ainda o sargento Rebello —, e d'ahi a pouco voltou aonde a mim, e disse-me: « *Elles vão se entregar porque a nossa artilharia já os deitou fóra do cemiterio* ». E disse-me mais: « *Estou com uma grande dôr de estomago; tu não tens por ahi agua?* » — « *Não, senhor, meu tenente!* » — « *Não faz mal. A gente está aqui está em Chaves. Eu lá mato a sede!* » Foram as ultimas palavras que me deu e que eu lhe dei. Retirou para a esquerda. Nunca mais o tornei a ver. Contaram-me depois uns soldados que, como alguém gritasse: « *Meu tenente! fuja que elles matam o!* », os republicanos, sabendo então que elle era o official, deram-lhe um tiro que lhe bateu no ventre, e só o tornaram a vêr lá longe, de pistola na mão direita, e a mão esquerda agarrando a barriga. E lá o levaram para Chaves. Entretanto o inimigo que vira aquelle troço do pelotão chegar

para a esquerda, convenceu-se que nós tínhamos abandonado de todo o espaldão; e com a idéa de o tomarem, metteram de gatas, agachaditos, por uma terra de centeio, que havia entre nós e a villa; o centeio estava alto, nenhum de nós os viu, senão quando já estavam a 60 ou 80 metros de nós, detraz da parede que dividia a distancia do dito centeio ao ponto onde nós estávamos. Eu fui o primeiro que os vi, porque sempre conservei a mesma posição, desviado do páo da bandeira o maximo 1 a 2^m. Estava encarregado de guardar aquelle lado do espaldão, não sahi d'ali ».

A' coronhada.

— Elles surgiram ali tão de repente, que parecia sahirem de alcapões — interrompeu Ferreira de Mesquita.

— Pareceu assim por elles se irem chegando encobertos com o centeio. Ora oiça o resto da descripção do sargento Rebello: « Na occasião em que os vi tão perto, tinha apenas ao meu lado tres soldados, e entre os quatro fizemos todo o fogo que podemos para elles. Alguns foram passando cozidos com as paredes, e vieram-se chegando para o môrro do espaldão da carreira de tiro, e subindo como formigas por ali acima até que uns tantos se estenderam á frente do páo da bandeira, e eu detraz, elles de costas viradas para a carreira de tiro e eu de frente para esta. Deu-se, então, a lucta commigo á coronhada porque nem elles nem eu tínhamos bayoneta. Um dos soldados que estava ao pé de mim gritou: « *Fujam que elles ahi estão!* » Foi quando elles se inteiraram que havia ali gente, porque os dois primeiros que vinham na frente ainda retrocederam, suppondo que a voz tinha partido dos d'elles; depois que

viram que estes soldados que estavam commigo tinham retirado, foi então que elles avançaram. Eu estava agachado n'uma poçazita que ali havia mesmo em cima do môrro, mas um pouco á direita e um pouco atraz. Tres deram um salto para mim, encostando-me os canos das espingardas ao peito, e berrando: « *Já se acabou a festa, amigo!* ». Ainda elles não tinham acabado de dizer *amigo*, já eu com o cano da minha arma, desviára a d'elles para o lado. Descarreguei o cartucho que tinha no cano ao do meio, que cahiu logo ».

— Deve ter sido um soldado de infantaria que depois encontrámos, quando a peça mudou para a ultima posição.

— Talvez. Termina o sargento Rebello: « Lembrei-me de voltar a arma, e, agarrando-a pelo cano, comecei á coronhada. A minha salvação foi elles fazerem o mesmo quando viram que eu com a minha arma os não deixava virar o cano para mim. Esta lucta corpo a corpo ainda durou uns segundos; levei uma coronhada no dêdo minimo e outra no pollegar que me fez cair a arma aos pés. Elles então pelo môrro acima já subiam muitos; não davam fôgo porque tinham mêdo de matar os dois com quem eu brigava. Eu mal senti a arma fôra das mãos, dei logo um salto do môrro abaixo, - uns dois metros de alto, apumados, por terem cortado pedra d'aquelle lado. Quando cheguei abaixo e deitei a correr, as balas em cima de mim e pelos lados, n'uma distancia de oito ou dez metros não deixavam que o sol me cobrisse, porque me cobriam ellas com a sombra. Quando eu ia a distancia veio uma granada dos nossos para o páo da bandeira, e elles deitaram-se todos no chão ».

Ferreira de Mesquita continua a narração da acção da peça, commandada pelo Conde de Mangualde, no combate de Chaves.

Todo este trecho da narrativa do sargento Rebello o ouvira Ferreira de Mesquita ora n'uma anciedade offegante de pormenores, ora n'um cismativo silencio de quem pela segunda vez assiste aos mesmos lances. N'esse ponto retomou a palavra:

— Não foi uma, foram duas granadas que deitamos para o espaldão para cobrir a retirada aos nossos. Mas antes d'isso, o horror que foi assistir ao *corps-à-corps*, ter ali duas boccas de fogo, ter munições e não se poder fazer fogo.

— Porque?

— Porque matariamos amigos e contrarios. Os nossos descem o espaldão, pelos declives lateraes, teem de rodear a cova que faz as costas do espaldão, ficando assim á vista dos republicanos que de cima do espaldão lhes fazem fogo. Nós seguíamos esse momento dramático: «*Lá caiu um! Está morto! Não! Elle arrasta-se, levanta-se, fingiu-se morto para o fogo o deixar. Bravo! Bravo! Lá cae outro. E' o mesmo stratagema. Mas elle demora a arrastar-se... Porque está elle tanto tempo deitado, meu Deus! e se elles lhe aliram assim mesmo?... Mas não, aquelle caiu para não mais se levantar!...*» E foi um horror vêr cair os nossos sem lhes poder valer. O sargento Guedes Pinto contou-me que estava com uma força proxima mas não podera fazer fogo porque mataria tambem os nossos. Essa dramatica retirada durou cinco minutos se tanto. Pareceu-nos cinco horas! Lá foi ferido e preso um rapaz Damião, estudante do Porto que fugira com o soldado quando ia para depôr. Assim que os dois grupos se

separaram, apontamos a primeira granada: caiu em baixo, atraz do espaldão. A segunda melhor regulada, bateu mesmo no meio do grupo inimigo que debandou, arrastando o tenente Vasconcellos que se batera na força de oito homens contra vinte.

Uma bala atravessa dois soldados monarchicos.

— E as baixas no pessoal da peça do Conde de Mangualde?

— Ao avançarmos, um pouco mais para a frente e para a extrema esquerda da linha do combate, foi-nos ferido um servente da nossa peça, por uma bala que lhe atravessou os dedos da mão esquerda. Para levar a peça a essa posição foi um trabalho horrivel, tivemos de derrubar parte de um muro, junto ao qual assentámos a peça. Ahi uma mesma bala enfiou dois soldados nossos: o soldado Duarte que morreu instantaneamente na posição em que estava, e o soldado Chamusca que morreu em Pontevedra, depois de soffrer a operação do trépano, sendo-lhe encontrado no encéphalo farrapos do chapéo. D'ahi fizémos fogo. O combate generalisara-se. Demorámos pouco tempo, porque o avanço foi rapido, mudando nós para junto do espaldão, á direita, olhando para Chaves. Esse ultimo avanço da peça foi trabalhosissimo: tivemos de apear um muro á mão. Não havia picarêtas. A peça é levada a braço, Couceiro acompanhava-nos, assistindo a tudo. O calor era escaldante, candente. A sêde devastava mais do que a bala. Moria gente de insolação. Eu fui mandado á primeira posição, lá acima ao pinhal, buscar uma mula com lanternetas que podiam ser precisas. Fui e voltei a correr. Esfalfado! Mais adeante do muro passamos uma vinha. Apareceu novo obstaculo: uma

vála onde corria água, um córregosito onde se banhavam moscardos e bacterias. Foi essa agua, esverdinhada e suja, intoxicada, a primeira que bebemos. Tivemos de atulhar vála e ribeiro, com pedras e terra. Mas graças a muitos esforços conjugados, aquillo foi n'um instante. Mario Pessoa, ajudante do capitão Ferreira (que fugiu de Coimbra com a sentinela) e que tem muita força, ajudou muito. Foi um trabalho penoso. Havia arbustos, ao lado um marco limitrophe de propriedade, e foi preciso desenredar dos arbustos a passagem, e deslocar o marco. O Faustino foi dos que mais partilhou d'esse trabalho insano. Chegámos enfim á posição marcada.

Um gesto de Couceiro.

— Oitocentos metros de Chaves?

— Talvez 700. O nosso fogo, tanto de infantaria como de artilharia, desalojára do espaldão o inimigo, fazendo-o retirar. Só lá encontramos vivo, um soldado republicano do 19 de infantaria, ferido, n'uma perna, ou pelas nossas granadas ou no encontro corpo-a-corpo, com o pelotão do tenente Vasconcellos. Levado á presença de Paiva Couceiro, que o interroga, o soldado ouvindo falar portuguez, exclama: — *Então os senhores são portugueses?*! Couceiro manda-o carinhosamente pôr ao abrigo do fogo na cova do espaldão. Disseram-me que o commandante Paiva Couceiro — só a alma generosa de Couceiro! —, mandára dois homens levar esse ferido ao hospital de Chaves.

— E os homens?

— Levaram-o mais adeante, e voltaram.

— Mas não precipitemos. Os senhores chegam ao espaldão, e...

— E o inimigo, que fôra posto em debandada, enquanto nós combatia-

mos peito a peito, completamente desabrigados, elle entrincheirára-se esplendidamente por traz das muralhas da praça, combatendo por traz de escudos de pedra. Não se lhe via nem a ponta do nariz. O fogo inimigo recrudesceu, batendo o nosso campo de frente e de flancos, procurando visar os apontadores das peças.

— Que pessoal tinha a peça do Conde de Mangualde?

— Dois apontadores: o sargento Faustino, e o cabo Souza; dois serventes: o soldado Alipio e o cabo Fonseca (policia do Porto que já tinha servido em artilharia); o commandante, Conde de Mangualde, e dois ajudantes: Alberto Bastos e eu. Ah! houve um terceiro servente cujo nome me não recordo por ter ido á ultima hora do pelotão do tenente Martins de Carvalho. Estavamos n'essa posição, quando apparecem tres soldados de cavallaria 6 (de Chaves). Suppoz-se que fossem a testa d'uma força de cavallaria, e suspende-se o fogo. Esses soldados, apanhados de surpresa em qualquer serviço de exploração, quando viram as espingardas apontadas para elles, renderam-se. O fogo de Chaves não pára. A nossa artilharia cessou por instantes, á espera de saber se seria preciso apontar a peça para essa força de que se suppunham ser avançadas as tres praças prisioneiras.

— E de Chaves continuavam a alvejar-lhes os apontadores?

Cae ferido o sargento Faustino.

— Sim, senhor, justamente quando a nossa peça cessára fogo, o Faustino, de joelhos ao lado da peça esperava ordens: uma bala de espingarda attinge-o na barriga. Caiu de bôrco, esteve alguns minutos sem sentidos. Julgamos que tinha ficado logo morto. Mas

não: mesmo deitado, como ficará, d'ahi a momentos fãla; abaixamo-nos para ouvir o que a sua frouxa voz queria dizer, e recebemos d'elle estas palavras: *Quero despedir-me do commandante!* Alberto Bastos vae comunicar isto a Paiva Couceiro, que soffreu um grande choque com a noticia. Todos lhe aconselham a que não vá, mas o Couceiro não ouve ninguem e apparece logo ao lado do Faustino. Foi a unica vez que eu vi ao capitão Paiva Couceiro alterar-se-lhe a physionomia.

Commovente episodio do combate de Chaves: Paiva Couceiro despede-se do sargento Faustino seu fiel impedido na columna da Galliza e seu soldado nas guerras d'Africa — Paiva Couceiro narra esse momento n'uma enternecedora carta.

— O tenente Saturio e o alferes Braz surprehenderam-lhe outro momento de commoção: quando n'um dos bivaques, após o combate de Chaves, se referiu ao tenente Vasconcellos, e disse: *«Esse e o Faustino teem cá um lugar no coração!...»*

— Eram dois valentes. O tenente Vasconcellos, senão fosse tão valente, não morria como morreu, porque não se tinha exposto como se expoz.

— Assistiu á scena do Couceiro, despedindo-se do Faustino?

— Não, não assisti. O dever chamava-me á acção.

— Então vou ler-lhe a descripção d'esse momento triste mas grande, feita, a meu pedido, pelo proprio Paiva Couceiro, n'esta carta.

«Fev.

«Eu estava á esquerda das peças, voltado para Chaves a ver o effeito do tiro. As peças faziam fogo, uma d'ellas (ou ambas) a cada tiro virava-se de rodas para o ar porque o terreno era obliquo. Punham-n'a de novo em pé e seguia o fogo. No entretanto, repito, eu ia reparando para o lado da Praça. N'um d'esses momentos, dizem-me do lado: «O Faustino caiu ferido e quer-se despedir.» Fui logo e encontrei-o deitado de costas, com a cara para o céu e extremamente pallido. Puz-me de joelhos no chão ao lado, e estendi o corpo por cima do d'elle com uma mão de cada lado, de modo a poder falar-lhe bem perto da cara d'elle. E então falei sem saber mesmo se elle me ouvia porque o estava julgando morto. Disse-lhe: «Meu querido Faustino! cá estou ao pé de ti.» Pareceu-me que a expressão d'elle, que era de morto, se illuminára com alguma sombra longinqua de reconhecer-me. Estava em difficuldades, com a grande tristeza que me atacou, de me conservar sem dar mostras de fraqueza. Disse mais umas palavras: «Meu querido Faustino! Deus ha de ter compaixão de nós!» A physionomia d'elle immobilisou-se e eu dei-o por morto. Abracei-o, levantei-me e fui para o meu logar, deixando-o com dous homens proximo da peça».

— Esta carta, — dissemos nós a Ferreira de Mesquita que não falava, de commovido —, tenho-a lido dezenas de vezes. Sei-a de cór, mas ainda a não aprendi a ler sem as lagrimas me saltarem aos borbotões dos olhos.

E estou a ver, nitido, photographado, esse quadro de um commandante ajoelhado ante o corpo do seu dedicado soldado, falar-lhe, abraça-lo, dizer-lhe as suaves palavras da despedida ao ouvido do moribundo, que, apesar do fogo, do rugir das grana-

das, parecia escutal-as como um balsa-mo. Ah! a grandeza que têm as amarguras quando encontram almas que as sabem merecer! E' de ajoelhar!

— Também o Faustino era digno d'essa amisade do commandante! — exclamou Ferreira de Mesquita.

— Se era! Elle era a sombra boa de Couceiro! encontral-o era encontrar o Couceiro. Acompanhou-o em Africa e assim que soube Couceiro na Galliza não hesitou um segundo em deixar o seu logarzinho no corpo da policia civil de Lisboa. Quem fôsse amigo de Couceiro, tinha a amisade do Faustino. Elle mesmo dizia, conta o tenente Saturio: « *Gosto muito dos snrs. officiaes, por elles serem amigos do commandante.* » Também nunca ouvi Paiva Couceiro levantar mais uma figura do que a do Faustino. Elle tão secco, tão sereno, tão sobrio de palavras como é sobrio nos habitos, nunca se refere, falando ou escrevendo, ao seu dedicado impedido que não lhe adjective carinhosamente o nome: *O querido Faustino! O pobre Faustino!* E' o symbolo da alma obscura do soldado portuguez, o Faustino, com todas as dedicações do portuguez e todas as qualidades da profissão e da raça; atirador especial, bom cavalleiro, excellente mão de ré-dea, artilheiro experimentado, destemido, corajoso, valente, resistencia d'aço, trabalhando de serralheiro ou de carpinteiro, conforme fosse preciso, o soldado completo, sabendo viver com nada e morrer por uma grande causa! Nunca mais se escreverão as palavras — *Columna da Galliza*, sem que estes trez nomes appareçam escriptos na luz phosphorescente da memoria, entrelaçados na mais elevada das affeições: Couceiro, Vasconcellos e Faustino. Que de resto, a columna da Galliza evocará sempre o Couceiro, e o nome de Couceiro sempre a columna da Galliza.

Elle mesmo declara: « *Eu não me demitti: eu continuo a ser o official d'um exército composto dos mortos e dos prêsos!* » E os mortos são o Vasconcellos, o Faustino, o Pedro Villa Franca; — a trilogia representativa das trez classes que forneceram victimas: o official, o soldado, e os cadêtes; — são o sargento Moreira, o Alipio, o cornêta do grupo do tenente Menezes, todos os que cahiram ali para levantar a Causa. Ah! você não imagina, Ferreira de Mesquita, a unção com que eu vou escrever esse volume: *O Ataque a Chaves!* quero pôr n'essas paginas toda a minha emoção, como na documentação d'ellas tenho posto todo o meu escrupulo. Tarda-me começal-o! Que grande quadro, que abundancia de bellos episodios, que riqueza de movimentação, que bravura, que orgulho! E, então, se a technica me ajudar, é que se ha-de ver o sol ardente d'essas oito horas de combate illuminar successivamente todos esses episodios, todas essas dedicações, e esses trechos de emoção erguerem-se, crescerem, caminharem para a imaginação do leitor, e dizer-lhe, ordenar-lhe: *Ajoelha! chora! e orgulha-te!*

— São tres palavras a escrever deante d'aquelles tres nomes! — murmurou Ferreira de Mesquita.

Houve um silencio em que só se ouviu crepitar a lenha do meu fogão, em cujo brazido Ferreira de Mesquita fixára os olhos alagados de lagrimas.

— Mas ainda me falta muito para me considerar documentado. Vamos lá a continuar! — disse eu para Ferreira de Mesquita.

Admiravel exemplo d'um humilde.

— Já não sei onde estávamos...

— No momento em que Couceiro

se despede do Faustino, e volta para o seu lugar.

— Ah! sim. O padre Pinheiro, o Bastos e mais dois homens, transportaram o Faustino para a cova do espaldão, ao abrigo do fogo. Nós continuamos a fazer fogo com a peça. Pouco depois cae o cabo Souza ferido com duas balas: uma n'uma perna, outra n'um braço. Levado para o espaldão, o cabo Souza só dizia: «*Deixem-me. Não percam tempo commigo! Continuem! Não faz mal que eu cá fique. Não se prendam commigo!*»

— Que lindo exemplo d'um humilde! admiráveis soldados! admirável raça a portugueza!

Perpassa a serena coragem do Conde de Mangualde — Um cemiterio de bravos.

— O cabo Souza esteve sempre muito animado. No espaldão, o padre Pinheiro prestava as ultimas consolações ao Faustino, sob o fogo de Chaves e sob o nosso fogo. O campo proximo estava juncado de cadaveres. Eram os bravos do pelotão do Vasconcellos. Alguns transtornaram-se logo. Um estava completamente preto. Talvez uma bala na cabeça, e a decomposição rapida áquelle sol de 42°. A seguir cahiu o Alipio, ferido n'uma das rótulas, e foi transportado para a cova do espaldão, nosso hospital de sangue. Estavamos sem serventes. Então o Conde de Mangualde, sem dizer uma palavra, sem chamar por ninguem, sem dar uma ordem, avança muito sereno e põe-se elle mesmo a fazer fogo, á peça. Eu passava-lhe as granadas, elle carregava, apontava e disparava. Não sei como o Conde de Mangualde escapou! Foi um bravo! Primeiro esteve de pé, binoculo em punho, a seguir o combate, completamente a descoberto. O

proprio capitão Ferreira gritou-lhe, que não se expuzesse assim. Eu tambem lhe pedi que não se arriscasse tanto. E elle continuou, indifferente, na linha de fogo, com uma espantosa serenidade. Depois foi para a peça. A cada tiro que dava a peça, tombava, sendo preciso recollocal-a a braço. N'um d'esses trambolhões, tinha-se já partido a alça na posição anteriormente occupada. Por isso os tiros não eram regulados. N'isto veio ordem para só cessarmos fogo quando ouvissemos um tiro da peça do capitão Ferreira, que estava á rectaguarda; que ia começar a retirada, e o tenente Saturio Pires ficava encarregado de nos proteger a peça quando retirássemos. Fui eu mesmo procurar o tenente Saturio, para lhe comunicar a ordem recebida.

— E encontrou-o?

— No seu posto. Transmittelhe a ordem, e elle só disse: «*Prompto! até onde chegarem estes cinco bicos!*» Era tudo quanto lhe restava do pelotão: o resto cobria com o seu sangue a terra ingrata. Apesar do fraco apoio numerico de que o tenente Saturio dispunha, a peça continuava fazendo fogo, proporcionando a retirada da columna.

— E os feridos?

— Foram transportados, excepto o Souza e o Alipio por não haver gente para os conduzir. O Souza, sempre animado, era o primeiro a recomendar: «*Não se preocupem commigo! Salvem-se! Salvem a patria!*» O fogo continuava. Não se ouvia o tal tiro. O Conde de Mangualde mandou-me ver se havia forças nossas. Nenhuma! Todas á rectaguarda. Disseram-me depois que estava á direita a força do capitão Remedios. Retirámos então para um pinhal cerrado que não deixava caminhar a peça. O Conde de Mangualde, o tenente Saturio e eu puxávamos a peça. De Chaves conti-

nuavam a fazer-nos fogo. Fui procurar gado para atrelar á peça. Cruzei com o Xavico¹, e transmitti-lhe a ordem que levou ao commandante. O Xavico demorou-se muito, e nós tivemos de abandonar a peça: o freio do recúo cravára-se na raiz saliente d'uma arvore, e não havia forças humanas que o tirassem de lá. Passado tempo, foram Rodrigo Castro Pereira, D. Ruy da Camara, Antonio Maria Meirelles e o Xavico, todos quatro a cavallo e avançaram para ir buscar a peça. Vêem uns homens debruçados sobre a peça, julgam que são nossos, e estavam a pequena distancia do grupo quando os de lá sentem o tropél da galopada, e desfecham: eram os republicanos que já tinham tomado a peça. Tres dos cavallos ficam mortos, e só o de D. Ruy da Camara escapa.

— Vocês já tinham retirado.

— Desesperançados de que o Xavico nos trouxesse reforço, e acossados pelo fogo e o avanço do inimigo. Retirámos com a dôr d'alma de ter de abandonar a peça e abandonar os nossos dois homens: o Souza e o Alipio.

— E que feito foi d'elles?

— O Alipio caiu prisioneiro e foi levado para Chaves, e lá morreu. Surprehendeu-me a morte: nunca suppuz que morresse dos ferimentos que recebeu. O cabo Souza, feito tambem prisioneiro, foi tratado em Chaves, curou-se, e, processado, só respondeu estas palavras em todo o julgamento: «*Sou desertor da Armada*». Não deu mais palavra; e condemnado em vinte annos de prisão, lá está na Penitenciária.

¹ Francisco Xavier Quintella (Farrobo) um rapaz que deixou, na Galliza, um dos mais bellos e queridos nomes pelo character e pela coragem. E' a adolescencia d'um grande soldado e d'uma elevada consciencia civil.

A morte do Faustino.

— E o Faustino?

— Tornei-o a ver, quando abandonamos a peça e o Conde de Mangualde me mandou saber onde estava o Quartel General. Andava á procura do Quartel General, quando dei com o Faustino amparado a dois homens que, sendo prisioneiros nossos, comnosco estiveram até ao fim, e cumpriram o dever de humanidade. Passei por pé d'elle, que me disse: «*Ah! Sr. Mesquita! Sr. Mesquita!*» — «*Isso não é nada, Faustino! «Você está ahí, está curado.»* E segui a cumprir a ordem do Conde de Mangualde. Não o tornei mais a ver. O Xavico tambem o encontrou, e perguntou-lhe: «*O' Faustino, está melhorsinho?*» — «*O commandante está salvo?*» — «*O commandante está salvo: agora vou eu levar-lhe uma ordem. E você está melhorsinho?*» — «*E nós ainda venceremos?*» — «*Se Deus quizer, havemos de vencer! mas você está melhor, tem muitas dores?*» — «*O' sr. Xavico então não se demôre, vá lá levar a ordem ao commandante. Olhe o melhor caminho ahí para cima é por ali*». E não houve meio de o Faustino responder ao interesse que o Xavico tinha por elle. Para aquelle valente, mesmo ferido, toda a preocupação era o dever militar, nem sequer ouvindo o que lhe dizia respeito. Não havendo macas, como os solavancos da manta lhe causavam muitas dôres, tiveram de o deixar mais adeante. Apanhado, levaram-no para Chaves. Durou uns dias, e morreu entre dôres cruciantes, horriveis, delirando, dando no delirio da agonia vivas a Paiva Couceiro e á Monarchia. O cadaver d'elle foi exposto em Chaves. Ha homenagens que mesmo involuntariamente se não podem recusar...

Como se vê, Ferreira de Mesquita

não destacou uma unica vez em toda esta entrevista, a sua figura. Fallou de todos quantos viu, e não se referiu sequer ás vezes que atravessou o campo de combate debaixo de fogo, não se referiu á sua temeraria serenidade na linha de fogo, á sua corajosa attitude em toda a acção. Honra seja a todos ! todos quantos entrevistei, assim procederam : só pelos companheiros, e por acaso, vim a saber, a pouco e pouco, dos bellos gestos de cada um. E' mais que modestia : é o pudor do proprio heroismo.

A prisão de Ferreira de Mesquita contada por elle propria.

Com a sua recente entrada em Portugal e a sua prisão foi a mesma coisa. A primeira carta que d'elle se recebeu em Paris, começava assim :

O rato caiu na ratoeira onde ainda está e d'onde não sabe quando sairá.

E nem mais uma palavra sobre esse facto que mobilizou policia, carbonarios, juizes, deu que fazer aos telegraphos, aos telephones e aos prélos diários.

O rato caiu na ratoeira...—eis tudo.

Escrevi-lhe, então, intimando-o a contar-me como é que o *rato cahira na ratoeira*, e elle não teve remedio senão escrever uma breve narrativa, em que conservou o seu bom humor e a sua stoica coragem :

Aljube — Porto — 20-11-13.

« Ha perto d'um mez (23 d'ot.) que recolhi a este sanatorio, rodeado de dois medicos, o que demonstra a sollicitude com que estes magnanimos senhores me teem tratado.

« A verdade diga-se : não tem sido tyranos. Tambem desde o primeiro momento que com elles convivi, lhes disse a minha resolução inabalavel do

mutismo e cegueira em que deliberei cair.

« Aqui teem chegado os echos do que lá fóra se diz a respeito da minha prisão e do Conde. Tudo deturpado. Algumas pessoas, ao visitarem-me dizem ingenuamente : — « Como os senhores se deixaram apanhar ! Que imprudencia !

« A nossa perda foi desconhecermos por completo o Porto e não termos aqui conhecimentos.

« Foi o homem das « pistolas-amais »¹ que comnosco conviveu desde que demos o primeiro passo em Portugal até nos entregar á policia.

« Desconheciamos por completo tal personagem e só sabiamos pelos nossos que nos era « dedicadissimo ». Isso fez com que plenamente confiassemos n'elle.

« No dia 22 o tal personagem, estando comnosco, disse-nos que nos ia preparar a fuga. Alugou-nos um quarto que mais tarde soube ter sido alugado pela policia. O quarto era situado n'uma viella e deu-nos a impressão d'uma prisão, pelo que o Conde se recusou a ficar n'elle. Levou-nos então para o seu escriptorio na Travessa de Cedoseita, aonde ficamos essa noite, dormida no chão.

« O homenzinho que tão dedicado nos fóra inculcado fez n'esse dia uma chorradeira ao Conde de Mangualde : que tinha que fugir e estava sem meios. O Conde deu-lhe cem mil reis.

« No dia seguinte foi ter comnosco e disse-nos que nos preparassemos para seguir essa noite com elle para Hespanha.

« E saiu deixando-nos um fingido empregado como auxiliar e guarda. Esse empregado, chamado Costa, tam-

¹ Allusão a um episodio relatado por João d'Azevedo Coutinho na sua entrevista comnosco, e publicado no primeiro numero d'A Entrevista.

bem recebeu, uma hora antes de nos entregar, dez mil reis, com o mesmo fim e por ter feito igual choradeira.

« Por volta das duas horas, o empregado chega-nos ao quarto aonde estávamos e mostra-nos uma carta do tal personagem, em que este dizia que saíssemos immediatamente, porque o escriptorio ia ser assaltado.

« Saímos com o empregado, dirigindo-nos para um sítio que nos era indicado na carta.

« Chegados ao fim da rua do Carregal fomos atacados como feras. Quando reparei n'elles tinha tres pistolas apontadas á cabeça, e com tal selvageria o fizeram, que me feriram no sobr'olho esquerdo e face direita.

« D'ali transitamos para o commissariado, e depois para a judiciaria, onde fomos largamente interrogados.

« Escusado será dizer-lhe que no acto da prisão fomos cuidadosamente revistados e desapossados de tudo o que tínhamos.

« O sangue frio nunca nos faltou e a nossa attitude parece que impressionou esta gente. Do Conde tenho ouvido aos proprios republicanos os maiores elogios. Ha dias disse ahi um d'elles que tendo conversado com o Conde viu n'elle um espirito combativo, tendo saído como entrou.

« Muita gente me tem vindo visitar,

offerecer os seus prestimos. Ha dias veio um grupo de caixeiros, que me abraçaram e se pozeram á minha disposição. Sensibilisam-me estas manifestações, e vejo que isto não está perdido. Ha grandes dedicações aqui; o que falta é um pulso energico que as guie.

« Escrevo esta ultima parte muito á pressa, pois é a hora das visitas e ellas invadem o quarto: é uma perfeita romaria.

« Estou no mesmo quarto que o dr. Oliveira Lima e o dr. José Figueirinhas.

« Bons companheiros.

« Quanto ao Conde, não queria fallar n'elle, pois é o que me incommoda. Digo-lhe apenas isto: foi um verdadeiro portuguez, até ao fim. Orgulho-me em ter sido preso, em companhia d'elle.

« Sempre um valente!

« Desculpe-me estes gatafunhos. Vae a correr, não tenho tempo de escrever. O pouco que aqui lhe conto talvez o admire. E' effectivamente para admirar mas é a verdade.»

Quando Ferreira de Mesquita souber o que duas pessoas residentes em Paris sabiam, e sabem, desde janeiro de 1913, então se admirará muito mais do que nós com a sua carta.



